



ANATOLI E O XAMÃ

- Preciso descobrir o que está acontecendo. Porque tenho estes pesadelos quase todas as noites, no mínimo durante os dois últimos anos? Porque não me sinto parte deste mundo. Destas crenças?

Anatoli se questionava diariamente e sua inquietude aumentava com o passar dos dias. Ele se tornava um estranho dentro de seu grupo. Atitudes que nunca tinha tomado antes agora já era costume ser normais. Seus poucos amigos se questionavam também sobre o que acontecia, qual o segredo que Anatoli poderia estar escondendo, mas diante do silêncio do amigo, preferiram não questioná-lo. Em algumas ocasiões Anatoli desaparecia pelas planícies e montanhas da região retornando dias depois e sem saber – segundo ele – por onde estivera. Entretanto, Anatoli sempre se questionava do porque não se sentir feliz vivendo entre amigos, entre sua família, em seu grupo rural.

Nos limites do Baikal possuíam uma pequena propriedade rural, que já fora de sua família antes mesmo da revolução russa, depois passou para o estado soviético e tiveram que dividi-la em comunidade social, agora, fazia alguns anos, que havia retornado ao domínio de sua família.

Depois de muito hesitarem, alguns amigos, para falar a verdade dois deles, Lenz e Alexander, os dois amigos mais próximos forçaram Anatoli a prometer que visitaria Kublyz, o antigo xamã das montanhas ao redor do Baikal e apenas alguns dias de viagem. Então chegou o dia da partida e Anatoli se despediu brevemente de seus pais e partiu ainda na escuridão da madrugada. Agasalhou-se bem, pois fazia muito frio e as montanhas não perdoavam aventureiros desatentos. Sob uma fina garoa Anatoli colocou uma mochila com algum alimento e roupas por segurança, também uma faca e um pouco de sal, além de um cantil de água.

Depois de dois dias de viagem, subidas e descidas pelas encostas das montanhas, perto da chegada da noite, Anatoli sentou-se perto ao pé de uma árvore, numa área vastamente verdejante, um verde muito mais vivo que todos os outros que tinha visto pela viagem. Sentia-se totalmente isolado, ouvindo apenas o soar da fina brisa que soprava em sua face, e alguns pássaros que insistiam com seus encantadores cantos. A luz das estrelas que acariciava aquele local parecia muito mais bonita que a luz que iluminava o vilarejo perto de sua propriedade rural. A majestade do límpido céu que se abria sobre sua cabeça era muito mais esplendoroso que o céu pelo qual ficavam até tarde cantando e contando ‘causos’ perto do Baikal.

Em poucos minutos pensou ter ouvido: “Entre aquele que busca o conhecimento”. Novamente, após alguns instantes novamente uma voz tremula e cansada pelo tempo repetiu: “Entre aquele que busca o conhecimento”. Começou, então, a olhar com mais cuidado pelos arredores e então percebeu que havia uma saliência numa rocha, mas não conseguia definir mais nada. Aproximou-se com cautela e sempre ouvia “não tenha medo, entre”. Mesmo não conseguindo definir nada naquela escuridão preferiu prosseguir. Percebeu que o chão estava coberto por peles de rena.



Com uma roupa estranha para mim e diversos colares feito de ossos, longo cabelo, com um rosto siberiano que apresentava os sinais de uma longa vida, tinha dificuldade em falar. Sentado à frente de uma fogueira, vi que seus olhos estavam fixados em mim, mas pareciam que não me viam. Senti que olhava minha alma. Então Anatoli perguntou: - Quem é você? – Ao que o velho respondeu: - Eu não tenho nome mas os antigos me chamam por Kublyz. Tire as roupas jovem. – Prosseguiu o velho xamã.
- Aqui é muito frio – retrucou com certa relutância Anatoli.

O velho xamã repetiu sua ordem novamente e não vendo saída Anatoli o obedeceu. Assim, percebeu que o frio não fazia parte naquele lugar. Não havia sinais da temperatura que assolava o mundo fora da caverna, nem a ventania, nada... somente um suave aroma. Também percebeu que a caverna se estendia por um grande espaço e não conseguia ver seu teto. Aquilo não tinha sentido e preocupou-se. Recebeu uma pequena tigela com um líquido escuro o qual bebeu de um gole só. Então suas preocupações cessaram. Sentiu um calor intenso. Em minutos “o mundo parecia girar, não havia equilíbrio e muitas imagens sem sentido, passavam por mim. Desde as estrelas do universo, até lindas mulheres e crianças gritando ao redor da fogueira. Um misto de calor intenso e frio insuportável se alternavam. Ao longe percebi que o velho xamã cantava alguma coisa que não consegui compreender”. Muito tempo ou pouco, não sabia dizer ao certo, despertou daquele transe e seu corpo estava todo coberto por uma substancia parecida com óleo. Anatoli sabia que não adiantaria questionar o velho xamã, pois não teria as respostas sobre o que havia acontecido.

Quando saiu dali – sentindo-se totalmente ativo - o tempo havia corrido, pois o sol estava a pico e deveria ser por volta do meio dia. Anatoli desceu as montanhas e seguia pensando sobre tudo – apesar de ser pouco – o que o xamã havia dito. Naquele resto de dia não conseguia imaginar nada além de supérfluos pensamentos e imagens em definições. A noite não conseguiu dormir, a todo momento acordava assustado com uma inscrição ainda não muito nítida, mas escreveu numa folha.



Sabia que nunca tinha visto aquele símbolo mas sentia que já o conhecia. Alguma coisa o fazia acreditar nisso e sabia que deveria procurar as respostas. Nisso se lembrou do que o xamã assustado quando tocou sua fonte lhe disse: “o que busca jovem, não pode ser encontrado neste local, estas pedras não podem lhe dar as respostas. O que busca está além do nosso poder, além das forças que invoco neste lugar, além da vida que cerca o altar. Vá, observe a natureza, siga seu coração, a resposta está lá fora. Se não a encontrar volte em duas luas”.

Eu não conseguia definir mais nada, nada. O mundo parecia estar louco, sem leis, totalmente desorganizado.

Iuri Kosvalinsky
24 Fevereiro 2007.